

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME I



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

J. A. STANFIELD e GRACE SIMPSON, *Central Gaulish Potters* [Publ. da Durham University, saída da Oxford University Press], Londres, 1958. Pr.: £. 6.65 (só para o R.U.). Um grosso volume de 354 pp. de texto acompanhado por abundante documentação gráfica: 170 estampas preenchidas por cerca de 1.800 desenhos, uma tábua de formas, uma selecção de marcas e assinaturas, uma tábua cronológica e 50 figuras no texto contendo «motivos» ornamentais distintos.

índices das figuras-tipos pertencentes a oleiros do período de Trajano e dos períodos seguintes, acompanhados das referências respectivas em Oswald e Déchelette, uma lista de procedências e outra de todos os oleiros que durante o séc. II se sabe terem trabalhado na Gália Central, completam este valioso estudo.

Teria sido muito útil, para facilidade de atribuições e reconhecimento, um quadro de conclusões de ordem estilística e técnica, pois muitas são as dispersas pelo livro.

Delineada por Stanfield, a quem a morte impediu de realizá-la, a obra surgiu em circunstâncias especiais, resultante de vasta colaboração. Escrita por G. Simpson que completou ainda o esquema das ilustrações, o livro pode ser apresentado graças à cooperação de W. Dodd, que concluiu os desenhos inacabados, e à assistência do Prof. Eric Birley que trabalhara com Stanfield.

Déchelette ao tratar da *terra sigillata* gálica em *Les vases céramiques ornés de la Gaule romaine*, limitou a investigação da sua manufactura na Gália Central à análise de peças assinadas. O livro agora referido vem completar aquela obra com um estudo de conjunto da produção do séc. II, chamando a atenção para estilos individuais distintos do período de Trajano que, devido ao facto dos seus possuidores raramente utilizarem «marcas», andavam confundidos em grupos. O conhecimento mais completo dos esquemas decorativos de que se serviram os artistas de todo esse século, permitiu descobrir relações estilísticas entre vários oleiros, sobretudo nos períodos de Trajano e Adriano, e as influências mútuas que existiram entre os produtores do Leste (designadamente Rheinzabern) e do Centro da Gália.

Os autores tomaram como limite do seu estudo os oleiros da última década do século, ou seja, o termo da produção da Gália Central que, por hipótese do Prof. Birley deve ligar-se à queda de Lugdunum na posse de Septimius Severus, em Fevereiro de 197, e não ao ano 170 atribuído por Comfort (p. xli).

A organização do trabalho em oficinas separadas — em oposição ao que sucedia em La Graufesenque —, a utilização colectiva de fornos, a manufactura em grande escala dos seus produtos, e a larga difusão que conheceram, denunciando um sistema desenvolvido de relações comerciais, são expostas em sínteses ricas de clareza e sugestões. Merece especial atenção o parágrafo dedicado ao estudo das «marcas», pela novidade de interpretação.

As atribuições e o reconhecimento de estilo individuais são baseados, não apenas na tipologia, mas sobretudo no exame minucioso dos «motivos» — designadamente os óvulos — e da posição exacta das figuras, bem como do tamanho delas.

A maior originalidade da obra reside, porém, na apresentação de uma nova cronologia alicerçada nos dados fornecidos pelos acampamentos do Norte de Inglaterra de onde proveio a maior parte dos materiais estudados.

Central Gaulish Potters é um livro imprescindível tanto ao arqueólogo «de campo» como ao que trabalhe nos museus, e encoraja a realização de uma série de estudos novos, de carácter económico, psicológico e social, além de outros mais específicos, mas não menos interessantes como, p. ex., investigar as causas da frequência, a partir de LIBERTVS (p. 49), de cenas e motivos marinhos em centros do interior da Gália.

Creio que é da maior utilidade para um completo conhecimento da *terra sigillata* da Gália Central, o estudo das colecções hispânicas.

Terá havido importação directa das manufacturas de Lesoux ou de outros centros vizinhos? G. Simpson acha o facto provável visto que se encontram na Península abundantes testemunhos de importação sudgálica. Não me parece o argumento, base consistente para tal hipótese; mas isso não a invalida.

O exame de uma colecção assaz modesta, permitiu-me já notar que aos oleiros peninsulares não foi estranha a influência do Centro e do Levante da Gália (1). Em que condições se terá estabelecido o contacto? Só novos estudos permitirão resolver ou mesmo conjecturar.

Em presença de *Central Gaulish Potters* pude verificar que certos exemplares [Cf. Ests. 773,43; 98,10; 104,1; 109,4] oferecem uma impressão de conjunto que recorda a feição geometrizar do estilo hispânico. Nota-se ainda grande semelhança no traçado de linhas onduladas e linhas de ângulos com função separativa, e em grande cópia de paralelos entre os quais se destacam:

- a) Motivos em V utilizados por CONDOLLVS [Est. 90, 1 e 2] e que Stanfield atribuiu ao oleiro X-6 (p. 174). Paralelos: Granada e Solsona; Malines (último quartel do séc. i) (2).
- b) Os ornamentos originais de DOECCVS [fig. 44, 6 e 29] (p. 252-leque (?)) recordam motivos provenientes de Solsona, Tarragona, Liédona, Granada e Briteiros.
- c) Motivos vegetais: Rosetas: BELSA [fig. 39, 5]. Paralelos: Briteiros, Elewijt (3)—PATERNVS [fig. 30,13-motivo original (p. 195)]. Paralelos: Granada, Vilafranca de los Barros — EPPILVS [Est. 96, 2]. Paralelo: Briteiros.
- d) Círculos: IANVARIIS I [Est. 119] — DOECCVS, I [fig. 44, 18]. Paralelos: Briteiros, Liédona, Tarragona — Diversos círculos plenos e denteados.

(1) ALARCÃO, Adília M. — «Sigillata Hispânica em Museus do Norte de Portugal», in *Revista de Guimarães*, t. XVIII, Guimarães, 1958. Encontrar-se-ão, facilmente, neste estudo, os paralelos hispânicos abaixo citados.

(2) F. VAES et J. MERTENS — «La céramique gallo-romaine en terre sigillée d'Elewijt» in *Latomus*, XIII, Bruxelles, 1953 [Est. IV, 40].

(3) *Idem, ibidem* [Est. IV, 40].

Estes paralelos tornam-se significativos na medida em que o seu traçado ou o seu emprego não encontram similares na cerâmica sudgálica. Até que ponto poderão representar uma influência directa das oficinas lugdunenses sobre os oleiros da Hispânia?

Ter-se-á vindo a elaborar uma cronologia certa para os produtos hispânicos do séc. ii ou teremos de retardá-la alguns anos? São problemas que não podem deixar de ser formulados.

A. M. A.

^INFORMATION ARCHÉOLOGIQUE

Sob a direcção de A. Perraud começou a publicar-se, em Janeiro do último ano, este «órgão internacional de ligação», de grande utilidade a todos aqueles que se dedicam aos estudos arqueológicos.

Trata-se de uma publicação trimestral, de preço muito acessível (o que é raro acontecer) e orientada com grande sentido prático. Além de um grande número de informações úteis sobre a actividade arqueológica em diferentes países (congressos realizados ou a realizar, ecos de sociedades e associações, notícias dos museus), insere artigos de fundo e as respostas de arqueólogos de várias nacionalidades a questões de interesse actual.

No primeiro número de *VInformation Archéologique* podem ler-se, entre outras coisas: o discurso pronunciado pelo Prof. Alberto Cario Blanc na sessão de encerramento do recente congresso de Hamburgo; um estudo do abade J. Joly sobre «L'archéologie à l'école»; e as respostas do Prof. André Piganiol, do Prof. Nino Lamboglia, Prof. Louis-René Nougier e Antoni Ribera a três perguntas relativas a outros tantos problemas que têm preocupado, e continuam a preocupar, muitos arqueólogos responsáveis. Essas perguntas foram enunciadas da seguinte forma:

«Question n° 1. Pour la protection des sites, faut-il développer ou restreindre le gout de l'archéologie à l'école et dans le public? Question n° 2. Les lois sur les fouilles terrestres et sous-marines vous conviennent-elles ? Si non, quelles modifications souhaitez-vous ? Question n° 3. Comment concevez-vous l'organisation des Musées et des dépôts archéologiques ? Qui devrait avoir droit à les visiter et les étudier?»

Do segundo número destacamos um interessante artigo do Prof. J.-J. Hatt intitulado «Caractere et fonctions du Musée Archéologique»; e, no terceiro, as respostas de J.-J. Hatt, E. Salin e Prudhommeau, às perguntas acima referidas. O número quatro, publicado em Outubro, insere um artigo de André Varagnac, actual Conservador-chefe do Musée des Antiquités Nationales de St. Germain, sobre «Les Problèmes d'Aménagement des Grands Musées Archéologiques»; a continuação das respostas ao inquérito iniciado no primeiro número; e anuncia-se, a partir de Janeiro de 1960, um serviço de empréstimos de estudos, trabalhos individuais inéditos, separatas, relatórios de escavações, etc..

J. M. B. O.